

Uma francesa na lambateria

Regine Deforges vende muito mais do que dá poucos autógrafos

SÃO PAULO — Quem viu uma Régine Deforges embarçada, circunspecta até, autografando a sua trilogia *A bicicleta azul*, com mais de seis milhões de exemplares vendidos na França e traduzida em 21 países, na noite de sábado na 10ª Bienal Internacional do Livro, no Parque do Ibirapuera, não consegue associar aquela imagem com a da véspera, quando ela se esbaldara a valer numa das lambaterias mais agitadas de São Paulo.

A mesma Madame Deforges que lambateara a noite inteira, aplaudira de pé Tom Jobim no Palace, e só torcera o nariz, sem perder o humor, para um show no Palladium, com Mieli e Rosemary, não escondeu a decepção diante da pequena audiência da sua sessão de autógrafos no estande da Editora Best Seller. Afinal, os seus livros *A bicicleta azul*, *Vontade de viver e Sorriso do diabo*, sobre a saga da jovem Léa durante a II Guerra Mundial, já venderam no Brasil mais de 150.000 exemplares, em apenas um ano. Na França, e nos países escandinavos, por exemplo, ela garante que as filas de autógrafos formadas nessas ocasiões costumam ser monstruosas.

Apesar de tudo, Régine Deforges afirma que deixa hoje São Paulo satisfeita — gostou, principalmente, de ser tratada como uma amiga, e não como uma escritora de fama, pelas leitoras brasileiras que frequentaram o estande da Best Seller. No dia seguinte à sessão de autógrafos, parecia pronta para outra. Caminhou muito, olhou as lojas e as pessoas e comprou uma pintura primitiva no mais popular reduto de bugigangas artesanais de São Paulo, a feira da Praça da República, no centro da cidade. Ela chega ao Rio hoje pela manhã, mas fica na cidade somente até terça-feira. Depois segue para Salvador, onde pretende rever a cantora Maria Bethânia, de quem se tornou amiga na França, e conhecer o escritor Jorge Amado. Embora não tenha lido quase nada da literatura latino-americana, é do autor baia-



Regine Deforges já editou livros pornô

no um de seus livros preferidos, **Tereza Batista cansada de guerra**. O pouco que provou de outra escritora naturalizada no Brasil, Clarice Lispector, não gostou — “é artificial demais”, julga. O seu conhecimento se resume a esses dois escritores.

Casada pela segunda vez com um chargista do *Nouvel Observateur*, semanário liberal de centro-esquerda, doze anos mais jovem (ela tem 52), três filhos (de 10, 20 e 30 anos) e uma neta de seis anos, Madame Deforges já não é nem mais capaz de contabilizar os bilhões que sua trilogia “folhetesca assumida” lhe tem proporcionado. É muito, muito dinheiro mesmo”, diz ela. Mas os ventos nem sempre sopraram em seu favor. Entre 1968 e 1972, ela montou uma editora erótica em Paris, a “L’Or du Temps” (o ouro do tempo), que a arruinou financeiramente. Dos 100 livros que editou, 96 tiveram a sua publicidade proibida, sendo que um deles *Le card d’Irene*, foi confiscado pela polícia. Ela sofreu muitos processos, inclusive um que suspendeu os seus direitos civis por cinco anos — simpatizante do comitê de apoio de François Mitterrand, é atualmente processada pelos herdeiros da norte-americana Margaret Mi-

chell, autora de *E o vento levou* que a acusam de plágio. “Nunca escondi o fato de ter escrito *A bicicleta azul* inspirada nessa obra”, disse ela. “Não tenho com o que me preocupar: você sabe me dizer há quanto tempo o clássico “*Medéia* vem sendo readaptado?”, argumenta.

Deforges se define como “uma aventureira, uma grande exploradora”. Nascida na província de Poitou, numa família francesa da pequena burguesia, foi expulsa de um colégio religioso aos 15 anos, por manter um relacionamento homossexual com uma colega da mesma idade. O episódio acabou virando um livro que recebeu o título de *Le cahier volé* (O caderno roubado). Além de *A bicicleta azul*, cujos direitos autorais para o cinema já foram comprados pela Gaumont, Madame Deforges já escreveu outros 11 livros com relativa aceitação de público. Todos eles no mesmo estilo folhetesco. No seu próximo romance, contará a vida de uma ancestral de seu marido que foi rainha da França no século XI. O título provisório é *Ana de Kiev*. Já o título *A bicicleta azul*, não parece ter sido escolhido por acaso: o seu irmão possui uma fábrica de bicicletas dessa cor. (I.A.)

JB 3008 1988 - Jorga